TERRA DAS AMAZONAS

ENCESLAU OSTA — 1929

Wenceslau Costa

TERRA DAS AMAZONAS

Terra das Amazonas
Reza dos Sinos
Campanarios & Carrilhões

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

1929
BELEM—PARA'

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Registro: 01484
Folha:
Data:

ANGELUS, ESSE MAGNIFICO
ARTISTA DO LAPIS, ILLUS-
TROU A CAPA DESTE LIVRO

No limiar

Meu caro Wenceslau Costa:

RECORDO, nesta hora, um conceito de Hello para confessar que este livro é uma obra de plenitude... Pela belleza que encerra, pela arte que realiza, pela espiritualidade de que se banha, pela sympatia e enthusiasmo que desperta. Creador de imagens, animador de symbolos, nelle fixa V. a sua personalidade de artista, de visão multipla e exacta. A' similhança de Ther, pode V. bradar que «o mundo exterior existe», porque elle palpita no seu verso com todo o vigor da energia incoercivel, com toda a fascinação da Belleza irresistivel.

Juventude, que se assignala pela intrepidez das iniciativas, quer no devassar os tenebrosos mysterios da Terra Verde, investindo contra selvas e pantanos, lendas e sortilegios, quer na ousadia com que acommette as hostilidades e as-

peresas da Cidade, denuncia-o este livro a imaginação transbordante e incandescente, a par da sensibilidade profunda e pura.

O justador de pelejas acerbas, que se penetrou das maravilhas e horrores da Terra Immatura, para celebral-a nos rythmos da TERRA DAS AMAZONAS, é o mystico, a doer-se da melancolia dos sinos e de um grande amor, que lhe nasceu

entre um sonho e uma rosa e entre um canto de passaro.

Figurando na legião dos que «não enroscam a sensibilidade», antes cada vez mais a afinam e exacerbam pela meditação e pelo soffrimento—V. acclama a Natureza, pompeante em germinações e renovações, e plange accentos elegiacos, á dolencia tropical dos violões.

Espirito, que vive no seu ambiente, bem se percebe que V., ao passo que se integra no cosmos titanico da vida moderna, não desdenha a lagrima, nem a queixa do mais lamartineano romantismo, quando refere a etiologia e a teleologia do seu destino de poeta.

Talvez eu soffra este destino solitario
porque eu venha da voz das cantilenas.

. . . toda a minha vida de troveiro
ha de me ser a minha maldição.

Poucos, em verdade, são os que cantam, nestes dias, com tanta nobreza e sinceridade, o luar suave e pungente e a noite immensa,

tresvairada do chôro dos violões.

Emquanto, na anarchia das reformas, os mais furibundos iconoclastas acabam com o sol e com a lua, com o Amor e com a Saudade, falam-nos, uns, mais transigentes, do pitoresco de «uma lua humoristica», outros da deliciosa symphonia de carroças e klaxons.

Sua poesia, tão numerosa e flexivel, despojada, porém, da algidez e do bysantinismo classicos, si mergulha no mundo cosmico, afunda tambem no mundo sentimental, arrancando da teorba carmes ao Amor, á Tristeza e encantadoras velharias analogas.

Dil-o-ão, porventura, emperrado tradicionalista, a rimar e a medir meticulosamente, a exaltar excessivamente a mulher, a cortejar superlativamente a Belleza. E felicite-se V., quando o cobrirem de tamanhas protervias, e proclame mais alto as virtudes e os symbolos do Passadissimo, que são humanos e eternos. O resto é artificio e burla.

Quem lhe quizer, entretanto, comprehender a expansão luminosa do estro —vel-o-á, é certo, vibrante do sentimento da terra, desta Terra Maravilhosa, apoderado do sentido da Belleza, dispersa no solo, no ar e nas almas, mas verá, egualmente, o homem que se move na sociedade, observando-lhe os phenomenos complexos, a inquietação e a ansiedade que flagellam os povos:—

a emigração dos povos continúa,
tangendo anseios de felicidades.

Contradizendo Papini, que disse nunca ter sido creança, vel-o-á creança, como todo aquelle que, um dia, contemple a Amazonia, a acclamar a

Terra sombria do esplendor e do mysterio, que é a riqueza maior do Novo Mundo,

e alma, que se libra em altos remigios estheticos n'«A illusão do meu exilio», n'«Os sinos» e n'«A voz mysteriosa».

Si lhe disserem ainda que a sua technica se não ajusta aos canones inexoraveis do classicismo e adiantarem que V. não é perfeito, sorria, meu dilecto Wenceslau, commova-se da mais christã piedade, e sorria ainda, louvando os irreductiveis, admirando os invulneraveis.

Tão generosamente distinguido por V., que me concede a prioridade na leitura deste livro, que é um grande poema de Amor e de Sombra, mas, sobretudo, uma ode alta, magnifica á Terra das Amazonas — eu me felicito, joven e brilhante poeta, da jornada por esse mundo de rythmos vasios e crystallinos, de melodias pulchras e alcandoradas, que é TERRA DAS AMAZONAS — que, por ser um livro de Belleza, é uma obra de plenitude.

SEVERINO SILVA

Belem — 3 — 9 — 1929

TERRA DAS AMAZONAS

Aos drs. Eurico Valle
e Ephigenio de Salles,
os estadistas que diri-
gem as Terras Verdes
da Amazonia mysteriosa

F. Campos Barreto
1929.

TERRA DAS AMAZONAS

TERRA sombria do esplendor e do mysterio,
na selva virgem de festões de heras.
O' virgem de olhos placidos e mysteriosos
pelas folhas das arvores vestida!
Eu vim de ti, ó terra das chimeras,
vim do teu seio esplendido e sidereo,
sob as bençãos de signos venturosos
que tu mesma despertas para a vida!

Beijam-te as aguas jaldes, em afagos,
na apotheose de um crepusculo, em oblatas...
Terra filha do Sonho e da Esperança,
que, entre o seio aromal das tuas mattas
e sobre o suave encanto dos teus lagos,
vêm-te os deuses das fabulas em dansa.

Não me pesa te amar as maravilhas,
tu que escondes os indios na floresta
e que occultas orchideas no teu seio!
Terra nova e gentil das grandes ilhas,
cuja flora de sandalo te veiu,
á redempção dos sóes, trazer-te em festa.

Princesa de olhos claros de esmeraldas,
sou teu filho, Amazonia majestosa,
que na bellesa olympica que entonas,
terra maravilhosa,
entre as florestas rutilas desfraldas
o guerreiro valor das Amazonas!

Gloria ao teu solo uberrimo e fecundo,
terra-mãe eternal dos grandes rios,
de outeiros refloridos, de collinas núas;
terra que prendes sob os céus sombrios
e sob o alvo clarão das tuas lúas,
a riquesa maior do Novo Mundo!

PARA A GLORIA DO NOSSO AMOR

...e do teu ventre nasceriam deuses.
Raul de Leoni

Somos filhos de um sol. Ambos nascemos
neste mesmo paiz, na mesma patria!
Apenas
somos filhos de Estados differentes,
de cidades distantes e afastadas.
Tu nasceste entre as selvas encantadas
deste exilio, onde, a amar, nos conhecemos,
e eu sou filho dos biblicos poentes,
das guajarinas noites tão serenas.

Corre em nós dois, do vinculo paterno,
o sangue altivo de Iracema,
e a tua alma incarnou-se nas egregias
divindades pagãs dos tempos magos...
E, fazendo-te então meu sonho eterno,

trouxeste o encanto das victorias-regias
e trouxeste a cantar, como um poema,
os alvos plenilunios sobre os lagos.

Somos ambos egues; a mesma côr,
o mesmo sangue e a mesma crença!
Nos nossos corações ha o mesmo amor!
Somos ambos dois jovens paladinos
desta paixão que vibra mais intensa
e que nos fez eguaes pelos destinos!

E tanto é o nosso amor divino e limpo
que, si formos em nupcias unidos,
o nosso lar será um novo Olympo
onde, entre preces, beijos refloridos,
nós dois abençoaremos, tão serenos,
uma prole de Jupiter e Venus.

CANÇÃO DA MINHA TERRA

TRAJAS o verde e, toda verde, a tua
alma fez-se incarnar nas tumidas florestas,
e de outras afastadas terras e cidades,
a emigração dos povos continúa,
tangendo anseios de felicidades.

Foste a terra de sempre, na grandesa,
tecendo em ternos canticos e festas
as mais bellas, esplendidas paysagens
e os panoramas rutilos das mattas,
cheios do eterno carme das aragens,
onde canta, no ronco das cascatas,
um madrigal superior da naturesa.

Tens os myrtos na fronte,
as mãos cheias de orchideas e de rosas
e um destino de acanthos e chimeras!
E aos prateados poemas dos luares,
sob a pompa irradiante do horizonte,
descortinas eternas primaveras!

Tu descendes do aroma das baunilhas,
entre oblatas das yaras e tritões
nas lagôas somnambulas das ilhas,
e recitas estrophes de canções
pelo effluvio subtil dos nenuphares.

Prateam-te os alvissimos crescentes,
numa prece ao porvir das tuas zonas,
e, golfãos e nelumbos, como um cysne
á flor quieta das aguas transparentes,
vão rolando a cantar nas ondas do Amazonas...

A FLOR DOS LAGOS

A' Eneida · Moraes

Na placidez augusta desses lagos,
á tona d'agua, olympica, aromal,
ao mysterio espectral de velhas lendas,
dorme essa flor, princesa vegetal,
victoria-regia, a fada de olhos magos,
sob os luares poeticos de rendas.

Vel-a veem as sereias encantadas,
as nereidas das aguas mysteriosas
e as yaras das lendas feiticeiras,
que illusorias cidades sumptuosas
e mentidas princesas prisioneiras,
teem no fundo das aguas mergulhadas.

Victorias-regias, deusas namoradas,
ternas filhas do sol e das estrellas,
sobre o verde dos lagos, encantadas!
Essa essencia divina dos seus seios fel-as
princesas-vegetaes de encantos magos,
em madrigaes de olores pelos lagos.

Esse encanto somnambulo te veiu,
flor princesa dos lagos somnolentos,
dos aromas das tuas maravilhas.
Sobre as aguas dos lagos scismarentos,
vieste do olor, talvez, do proprio seio
perfumoso e sereno das baunilhas.

Vives, victoria-regia, ao sol fecundo,
ao mysterio e ao esplendor da ceremonia
das yaras irreaes das velhas lendas;
vives, soberba, sob os céus de rendas,
na grandesa dos lagos da Amazonia,
aos beijos do luar do Novo-Mundo.

A ILLUSÃO DO MEU EXILIO

Foi de longe que eu vim, no meu anseio,
dessas terras fecundas, onde o Atlantico
vem de encontro bater-se á penedia.
Eu vim nesta mentira eterna do teu cantico,
dessa patria do amor e da poesia,
para a essencia suave do teu seio.

Eu vim de longe... Eu vim dessa cidade
do soturno paiz desconhecido,
para o sonho e esplendor do teu mormaço.
Eu vim da ilha deserta, seduzido,
nesta procura da felicidade,
na mentida illusão do teu regaço.

E tu que me prendeste ao sol do teu encanto,
no silencio maior do teu mysterio,
com tristesa has de ouvir na voz do sof-
frimento
os ais das minhas eclogas de pranto
na eterna exaltação do meu tormento,
como uma voz que echoou de um cemiterio.

Has de escutar as minhas intimas lamurias
pelas marinhas queixas dos teus rios,
tu que me déste as lagrimas purpureas
e violaceos crepusculos sombrios.

E escutarás os prantos de quem veiu,
pela ardencia do sol do teu thesouro,
na esplendencia melhor da mocidade;
de quem, nesta illusoria caça do teu ouro,
dessa terra natal para o teu seio,
veiu á procura da felicidade.

AS JAZIDAS DO OURO NEGRO

A Francisco Januario de Assis

ARVORES do ouro negro!
Poesias sublimes da Abundancia,
onde as lendas das fabulas floriram,
e onde, cantando em um vivido allêgro,
á alma verde da selva, em resonancia
e em festivaes os passaros suspiram.

Arvores bemditas,
soberbas, nos crepusculos violaceos,
jogando a fronde aos beijos das aragens!...
Rainhas da Amazonia, em supplicas contrictas,
que os viçores triumphaes das tuas ramagens
relembram mythologicos palacios!

Thesouro esbelto, esplendido, phantastico,
gigantesco volvido para a altura!
O' altaneiras Golcondas da floresta,
seringueiras lendarias do ouro elastico,
baloiçando-se em rythmo de festa
e em profusão de bençãos de fartura...

Verdes monumentos!
Almas glaucas que vêm do coração da terra
para o sonho das almas infelizes!
Cortam-vos a casca e, em prantos e lamentos,
a esperança, em filão, no latex que descerra,
vem desses troncos, cernes e raizes.

Jazidas vegetaes,
das velhas lendas e das esperanças,
entre o rito dos deuses florestaes,
e que, por se dizer, dessa grandesa,
entre o epinicio e os madrigaes das franças,
que são piedosas arvores do pão,
que dão esmolas e que dão riquesa,
são arvores tambem de uma illusão!

MALDITO EXILIO

MALDITO seja o meu exilio! Seja
maldito este desterro e maldição
cem vezes sobre mim! Cem vezes ruja então
esta angustia de prantos que floreja
neste exilio que tem espinhos pelo chão.

Seja maldito este desterro,
que a tristesa me deu de ser sosinho
nos infernos brutaes do meu caminho!
Maldita a solidão, que é meu martyrio,
meu degredo de fel, que foi meu erro
e que me traz em chôros, como um cyrio!

Maldito sejas para o eterno
e este langor te seja eternamente,
para a dor do meu mal e meu inferno!
Tenhas sempre a amargura e lagrimas extranhas;
tenhas negra a alvorada e negro o teu poente,
e eternas noites cubram as tuas montanhas.

Todo em revoltas intimas e mudas,
maldição sobre mim e sobre ti,
que nesta agrura os dias me transmudas
e fez de fel as aguas que bebi!

Com odios de Caliban seja maldito! Seja
maldito este desterro e maldição
cem vezes sobre mim! Cem vezes ruja então
esta angustia de prantos que floreja
neste exilio que tem espinhos pelo chão.

Cem vezes, sobre ti, cem vezes maldição!

NOITE DE NATAL NO EXILIO

A Alfredo Salles

AVÉ, noite emocional,
noite festiva de melancolias,
que vens lembrar-me as cousas esquecidas
das minhas outras noites de natal,
noites vividas
entre o delírio alegre das bohemias!

E hoje, tão triste, solitario e enfermo,
nesta insomnia impertinente,
nem os plangentes carrilhões dos sinos
se escutam no meu ermo,
que me veiu trazer o mais dolente,
o mais amargo dos destinos.

Olho. Lá fóra, nos encapoeirados campos,
as arvores sorrindo
e uma farándula de pyrilampos,
e eu me fico a pensar nessa outra vida,
que se me foi um sonho lindo,
de uma alegria toda indefinida.

E, então, pelos meus olhos, passa, muito
mansa,
nestas angustias magoadas,
a minha vida ingenua de creança,
quando eu ouvia
historias de princesas encantadas,
lindas historias de melancolia.

E aqui dentro, sosinho,
vagueia o meu olhar magoado,
e, ao meu olhar, lançado ao longe do
caminho,
passam cortejos longos de saudade,
a procissão perdida do passado
e as minhas horas de intranquillidade.

Soffro; e a noite avança...
E, nesta magua incomprehendida,
mãos postas para o ceu prenhe de luz

—alma de enfermo entristecida,
dentro da noite, longa e mansa,
rezo por ti, baixinho, o nome de Jesus...

Avé, noite emocional,
noite festiva de melancolias!
E esta noite de agruras de Dezembro
vem me trazer as nostalgias
das cousas que relembro
das minhas outras noites de Natal!

SOB O CEU DO MEU DESTERRO

Foi de longes regiões para o teu seio,
meu exilio feral de velhos annos,
que eu vim trazido, assim como quem veiu,
talvez de olhar fechado,
do tristonho Paiz dos desenganos
para um rico Paiz desencantado.

Eu vim assim para o teu solo...
Ah! e é assim vibrando,
mãos levantadas numa grande prece,
que eu sinto, em minhas eclogas cantando,
á emanação da essencia do teu collo,
a alma da minha patria que floresce.

E os meus pallidos cantos,
dentro das minhas maguas, no meu grito,
hão de ouvil-os os anjos do infinito,
de olhos serenos, placidos, em prantos.

E no teu seio, assim, nesta amplidão
de florestas e mattas recendentes,
dentro dos meus encantamentos de cantor,
meus epinicios de exilado cantarão
as passadas angustias deste amor
e a agonia espectral dos teus poentes.

E, pela essencia florestal do teu regaço,
a minha alma de indigena se agita,
na acclamação triumphal da minha gente,
abrindo pelo espaço
o pavilhão da terra onde palpita
uma patria de heróes no continente.

TERRA MARAVILHOSA

TERRA gloriosa do ouro negro! Terra
dos grandes lagos e dos grandes rios,
onde as yaras das lendas encantadas,
entre alhambras mentidas mergulhadas,
a profundeza quieta dos sombrios,
dos abysmos phantasticos encerra.

Novo Eden ao esplendor do Novo Mundo,
sob gloriosos céus de azues e brancos!
Terra noiva dos sóes que, ao sol fecundo
e á exultação triumphal dos teus luares,
as aguas dos teus rios, immensos como
os mares,
vêm te beijar os rispidos barrancos.

Foste dos ceus, talvez, ó grande terra,
pelos anjos, em canticos, trazida...
O' terra dos encantos, como as fadas,
nos clarões do Cruzeiro reflectida,
e onde, á sombra das arvores, se encerra
o mysterio das nymphas encantadas...

Terra dos panoramas tropicaes
e paysagens de olympicas cidades,
desvendando bellezas abstractas.
E's a gleba gentil das grandes mattas,
que alta noite te veem, em canticos divinos,
velar o somno de sumptuosidades,
entre as lôas dos entes irreaes,
as procissões dos anjos pequeninos.

Trouxe o orgulho eternal das tuas mattas
e, sonhando ao luar em que te banhas,
eu trouxe a alma das tuas éclogas extranhas,
ó Amazonia do ouro, ó terra enamorada
da grande prece triumphal das tuas cascatas,
que entre o esplendor das fabulas subtis,
foste, Terra do Amor, desencantada
á redempção do sol do meu Paiz.

Reza dos Sinos

REZA DOS SINOS

A Remigio Fernandez,
I. Xavier de Carvalho
e Alvaro Maia

REZA DOS SINOS

LITHURGICOS e tristes, muito longe,
feitos de sons exangues,
se desfazem em lagrimas os sinos,
e o Angelus plagente,
bronzeo dobrando pelas horas langues,
é o dobre triste deste meu poente,
contrictas rezas pela voz de um monje,
preces do bronze pelos meus destinos.

Occaso de expiação, horas doentias,
languida tarde dos abandonados !
E este poente,
que é o «De Profundis» desta luz morrente,
anda rimando, para os exilados,
melancolias e melancolias.

Sonoros carrilhões dolentes,
longinquos sinos solitarios
andam dizendo, pela tarde enferma,
pelas funereas notas commoventes,
que minha vida veiu, assim, tão erma,
dos infinitos ais dos campanarios,
e é por isso que eu vivo das saudades,
sem um momento de felicidades...

Os sinos clamam! E' o carrilhão
desta saudade que não finda,
é a dolorosa procissão
para o Calvario de uma historia infinda.

E, errante, a sós, alma desvanecida,
doente e sombria,
passa, pelos meus olhos de melancolia,
a procissão florida
dessas mulheres que eu amei na vida...

Campanarios na bruma...
Os carrilhões dobrando
funebres soltam, pelos sons afflictos,
n'uma
tristesa mystica resando,
a dolorosa prece dos precitos.

E eu vim, talvez, originario da cegonha,
dessas tristesas que nos vêm dos sinos,
e por isso eu vim para a magua e para a dor,
clamando o bronze, pela voz tristonha,
preces contrictas pelos teus destinos,
reza dos Sinos pelo nosso Amor.

A TRISTONHA CANÇÃO DA MINHA OFFERTA

No algido occaso terminal da vida
rezam funestos carrilhões lendarios...
Plangentes notas
garganteiam, na tarde dolorida,
solennes e remotas
rezas dos sinos, pelos campanarios.

Longinquas árias, numa angustia longa,
vêm das distancias, dentro de um gemido...
E a voz sombria, pela torre oblonga,
nas scismarentas sombras dos poentes,
chora o infortunio dolorido
dos langorosos sinos commoventes.

E a ti, nestes momentos de saudade,
entre o vozear do bronzeo carrilhão,
que és a illusão
do meu precoce fim da mocidade,
este poema feito das ruinas
dos meus destinos de infelicidade,
feito das ansias das infaustas sinas.

A ti, que has de viver no meu caminho
pisando os cardos que eu pisar na vida,
— a maravilha excelsa do carinho —
este poema enfermo como os sinos...
A ti, esta canção entristecida,
vinda das almas tristes dos violinos.

No sereno final da minha mocidade,
a ti, estes meus versos cheios de saudade,
que os escrevi, chorando pela luz morrente,
quando soluça, pelos campanarios,
a commovente
reza dos Sinos solitarios.

A ALMA DOS SINOS

BRONZEAS, funestas, pelos campanarios,
nas horas tristes, ultimas do dia,
vão as almas dos sinos solitarios
no espaço em cinza ondeando a Avé-Maria.

E essas almas dos sinos funerarios,
como em preces aos ceus, á tarde fria,
pelos gemidos de seus dobres varios
andam chorando de melancolia.

—Somos irmãos na dôr, almas dolentes!
vós soluçando pelos sons dos sinos,
na agonia funerea dos poentes,

e eu, braços ao alto, pensamento ao longe,
solto os meus ais, chorando os meus destinos,
pelas contrictas orações de um monje.

CANÇÃO DO VISIONARIO

Foi hontem meu natal! Triste e cançado,
envelhecido agora mais um anno,
tenho minha alma toda em elegias,
e, no algido sol-pôr, no meu passado,
sinto que foram de amargura e engano,
de espinho e fél, as horas dos meus dias.

Com a tristesa de Ariel e a calma do Rabbino,
pela edade que hoje tenho,
ao Calvario do Destino
este madeiro carregando venho.

E no occaso precoce do ideal,
na velhice da minha mocidade,
no meu declinio eu vejo a ruina terminal
dos Castellos de toda a minha edade.

Venturas... Ah! que procurando tel-as
busquei os céus neste meu sonho infindo,
e, junto das estrellas,
na vertigem do anseio de ir subindo,
por meu Jordão, que procurei na vida,
rolei no abysmo da descida.

Desci á tumba do meu sonho
e, nesta angustia funeral de um sino,
na ansia insatisfeita do meu ai,
a alma serena de um violão tristonho,
cantarolando vae
na minha alma de homem peregrino.

Olho a vida e olho o destino,
tendo saudades e melancolia.

E hei de viver, agora que me vem o inverno,
com a tristesa de Ariel e a calma do Rabbino,

nas minhas horas de agonia,
impotente a carpir o soffrimento eterno.

E com os olhos em pranto, todo afflicto,
alma de pária e cancioneiro,
hei de sorver, em calice maldito,
vinagre e fél na derradeira uncção...

Que toda a minha vida de troveiro,
ha de me ser a minha maldição.

OS SINOS

LONGINQUOS sinos num gemido brando,
que soltam tristes pelas bronzeas notas,
vivem plangentes, funebres, dobrando
na tarde em sombras orações devotas.

Sobrios bemdizem, pelos sons chorando,
as horas lentas de silencio, immotas,
e a voz, ao longe, em canto-chão rezando,
lembra a saudade de illusões remotas.

Em scherzos vibram, no planger dos dobres,
as mysteriosas bençãos dos destinos
e esse infortunio dos destinos pobres.

Plangem! e em rezas para os ceus divinos,
por nós imploram, nessas ansias nobres,
bençãos bemditas os soturnos sinos.

CANÇÃO NOCTURNA

ABRO a janella!
No alvo luar que ha lá na rua,
á farandula lyrica dos ventos,
pela voz dos bohemios soluçando á lua,
dentro de mim, branca saudade, acordas,
e a alma da noite ansiosa, em chôros lentos,
anda gemendo pela voz das cordas.

Lá fôra a voz subtil que anda cantando
desperta uma illusão dentro de mim.
E' uma canção irmã do meu destino
que, cantarolando,
me vem da arcada aguda do violino,
da voz do coração de um bandolim.

E eu, que passo a vida
nesta esperança de alegria,
sonhando Alhambras e sonhando o Bem,
nesta amargura indefinida
fico a chorar, sosinho, a nostalgia
de um amor que não veiu e que não vem.

E porque tenho nos meus dias
tantas horas de espinhos?
E quem me faz carpir as agonias
por que não vem, com seus carinhos,
me proteger nesta ascensão para o Calvario?

Talvez eu soffra este destino solitario
porque eu venha de voz das cantilenas...
Por isso é que sou triste e menestrel,
e vivo — alma de bohemio e de troveiro —
com uma prece e com lagrimas serenas
por quem me fez, na vida, cancioneiro,
na lyrica tristesa de Ariel...

E ao alvo luar que ha lá na rua,
á farandula lyrica dos ventos,
pela voz dos bohemios soluçando á lua,
dentro de mim, branca saudade, acordas,
e a alma da noite ansiosa, em chôros lentos,
anda gemendo pela voz das cordas.

POEMA DA MUSICA DAS SERENATAS

Essa harmonia que se vae nas ruas,
dentro da noite enluarada,
lembra saudades de passadas luas
e a farandula lyrica das hordas
dos gementes harpejos dos bordões.
Cantiga languida de amores,
que nas almas somnambulas das cordas,
como dentro da voz dos trovadores,
anda plangendo a dôr dos corações.

Noite de melancolia,
harpejos tristes de exilados,
vozes cantando pela noite fria;
flautas gementes,
noctambulos violinos tresvairados,
bohemias bandurras, bandolins plangentes.

Vozes e cordas, que relembram Verdi!
Noite de Schubert e de Guiomar!
Hora doentia de Rossini,
que nas ansias de Wagner se perde!
Noite de Schumann e de Mozart,
de Carlos Gomes e de Paganini.

Essa harmonia que soluça ás luas
são sonatas talvez de Donizetti;
vozes que vêm de Tita Rufo,
composições de Weber, de Planquette.

Nessa cantiga que se vae nas ruas,
plangem todos os sinos da saudade.
Arias de sonoro arrufo,
que vêm lembrar uma esperança vã.

O' noite triste, de serenidade,
tresvairada do chôro dos violões,
do meu passado uma lembrança acordas,
porque tu tens, nas tuas emoções,
um Beethoven sonhando pelas cordas,
aos musicaes nocturnos de Chopin.

RENUNCIA

De que serve voltar ao mesmo amor,
depois de tantos tempos de acabado,
lembrando a mesma historia de um passado,
que de bençãos depois tornou-se em dôr?

Porque renovas, no teu labio em flor,
as sensações de um beijo prolongado,
que nossas boccas, no maior peccado,
deram vencidas de desejo e ardor?

Nunca tornar ao mal, que foi carinho!
Toda vez que se torna ao antigo ninho
sempre nos vem peior a ingratidão.

Quando se volta ao mesmo captiveiro,
nunca nos vem o amor como o primeiro
e a dôr fica maior no coração!

MELANCOLIA

Ha trez dias enfermos não te vejo,
quando passo, nas horas costumadas!
Por isto é que eu—alma de sybarita—
tenho esta noite solitaria e afflicta...
A sós neste silencio te desejo
e, na dôr desta elegia,
a minha alma em angustias desoladas,
toda se envolve de melancolia.

E, nesta noite de afflicção,
eu te procuro aqui no meu deserto,
mas nesta dôr da minha solidão
a procurar-te,
busco-te o vulto e vou, por toda parte,
sonhando que te vejo perto.

E na ansia de te ver e te falar,
eu fico no soffrer desta agonia
e, então, por não te vêr,
como a torre em que chora um velho sino,
fico com os olhos rubros de chorar
a minha dôr de triste beduino...

Meus olhos não te viram e, de certo,
nem ouves os meus ais,
nem vens encher de cantos meu deserto.
Embalde te reclamo e te desejo
e, nestas horas de desolação,
tu não me vens, meu Deus, nem me vens mais
trazer dos risos a resurreição...

Ai de mim que, a estertorar de dôr,
porque ha trez dias rudes não te vejo,
tenho esta noite solitaria e afflicta,
abandonado pelo teu amor!

SONATA HUMILDE DO MEU AMOR

TODA em crenças de prece, em dores e elegias,
esta minha alma irmã das nuvens e dos astros,
julgando ter nas mãos as rutilas estrellas,
asas librando no ar, nas maguas dos meus dias,
na vertigem ansiosa de vencel-as,
incontentada verte lagrimas, em gritos,
e eu vou, magoado e triste, assim, de rastros,
chorando a angustia dos afflictos.

Na ansia de te adorar, mãos unidas, orando,
desfallecidas mãos de supplice resando,
alçam-se para os ceus, lançam-se para a altura,
calmas noites de sonhos te rogando,
entre alardes de luz e a dor da minha agrura.

Mãos unidas em supplicas de prece,
de olhos carpindo um poente que fenece,
renuncio a ventura em nome deste amor,
e toda assim palpitas no meu peito,
irradiando constellações na minha dor,
rasgando dentro em mim a treva da agonia
e abrindo em minha estrada a luz de um
Sonho Eleito.

E te amando com ardor da minha crença,
sem saber se esta magua terá fim,
fico a soffrer com a tua indifferença,
mas para o eterno, assim, de alma ferida,
este amor, que é meu ceu, ha de cantar
em mim,
sabendo amar-te para toda a vida!

CAMPANARIOS & CARRILHÕES

AO SENADOR ANTONIO FACIOLA, DEPUTADO ALVES DE SOUSA E RENATO FRANCO

A MEUS COMPANHEIROS DA NOVA GERAÇÃO INTELLECTUAL

CARRILHÕES

LONGE, plangendo em prece, ao sol morrente,
solennemente graves redobrando,
á sombra escura do funeréo poente,
se escutam langues carrilhões rezando.

E, em bronzea reza, o Angelus dolente,
na sobria voz em espiraes cantando,
na bruna eterna do horisonte ardente,
bailam bençãos de paz thuribulando.

Clamam plangentes, pelos campanarios...
E, em ansias, tristes, pelos dobres longos,
vibram-se os ais dos sinos solitarios.

E as brandas orações de cada sino,
que afflicto geme pelos sons delongos,
são «De Profundis» deste meu Destino.

EXULTAÇÃO DA PRECE DO MEU NOVO AMOR

AMO-TE assim. Por ti todo me inflammo
e ardo na luz de um meio dia.
Toda a minha alma a arder, tonta de amor,
ergue-se para o azul, sonha ter o infinito.
E todo assim eu te amo,
em um deslumbramento de poesia,
desvairado Vesuvio erupindo de ardor,
todo em rasgos de prece em labios de um
afflicto.

Amo-te assim, de alma desventurada,
bemdizendo as agruras dos meus dias,
no anseio de em meu peito enternecel-as,
porque és a Vida e o teu amor meu Sonho
Eterno,

que tem bençãos das lucidas estrellas,
e os teus olhos de luzes de alvorada
incendeiam meus olhos de agonias,
accendendo este amor no ceu do meu inferno.

Eu sou, emtanto, nesse inverno que vem perto,
alma errante e sem luz, ao sol deste deserto.
Eu sou a nau que se perdeu do norte,
entre o açoite do vento e entre a furia do mar.
Eu sou filho da dor dos peregrinos
e irmão das almas dos sem sorte,
e sendo então tristonho como os sinos,
por isso tenho agora os olhos a chorar.

Déste-me ao peito esta agonia bôa
e que me transformou em flores de perfume
meus ferinos espinhos da corôa.
E este amor que floriu á luz do inverno,
todo vibra em meu ser, em ansia incomprehendida,
na exaltação febril do meu ciume,
porque amo-te assim, a ti, que em minha vida,
accendeste este amor no ceu do meu inferno.

POEMA DO NOSSO AMOR

O teu amor divinó, o teu amor me veiu
como florescem lyrios, como os sonhos
vêm,
e o meu amor te veiu e elle floriu
entre um sonho e uma rosa e entre um canto
de passaro!

E a fazer-te grinaldas de poesias,
hoje, que, unidos pelo pensamento,
nós scismamos um novo paraiso,
nossa barquinha vae, abrindo as velas,
para o porto das nossas esperanças,
e, ás vezes, mudos, cheios de emoções,

na linguagem dos olhos conversamos,
num segredar de phantasmagorias,
cantando a prece nupcial do nosso amôr.

Este affecto nos veio dos effluvios,
do farfalhar do vento nos rosaes,
e entre carmes e phrases de carinho,
somos dois seres juntos para a vida:
tu—minha Fé, meu Sonho de Eleição,
eu—a causa de todos teus momentos.
Hoje és tú mesma a voz da minha prece,
e, assim, nós dois, ao olor das tuas margaridas
e entre aromas dos candidos myosotys,
ficamos juntos para um grande beijo.

E o teu amor divino, o teu amor me veiu
como florescem lyrios, como os sonhos vêm,
e o meu amor te veiu e elle floriu
entre um sonho e uma rosa e entre um canto de passaro!

A VOZ MYSTERIOSA

A Miguel Teixeira da Costa

EMOTIVA e lendaria, a voz do vento forte
tem o immenso bramir de vibrantes tropeis;
vezes ha que é tão calma, a vir de sul a norte
e ora estronda ao passar nos rispidos parceis.

Ella é a voz que me diz os ais da humana sorte
e da Gloria relembra os rutilos laureis;
e essa voz que é de Amor, que é de Vida e de Morte,
lembra o harpejo floral da voz dos menestreis.

Voz errante e subtil, que, na crista do monte,
passa como epinicio e, empós, regia e bravia,
gloriosa vae clamar nas pompas do horisonte.

Ella é a voz perennal de todos os Destinos...
E eu sou como um occaso, ao fim de cada dia,
chorando pela voz dos legendarios sinos.

BEMDITO AMOR

Eu te bemdigo, amor! Assim, de alma ansiosa,
toda em sonhos de luz, cheia de ansias frementes!
Eu te bemdigo, ó passaro encantado,
que fizeste a minha alma irmã das almas crentes
e abriste em meu Verão, com luzes de ouro e rosa,
um sol de bençãos para o ceu do meu peccado!

Eu te bemdigo para o eterno, eu que fui rei!
Hoje, triste e tranquillo,
eu bemdigo este amor que, um dia,
fez de meu ser irmão das tremulas estrellas.

e com asas de ouro e luz, com asas de ouro e
berillo,
a minha alma levei rente dos astros, pelas
alturas, pelas nuvens errei,
como os passaros no ar, entre alardes de
orgia.

E eu que fui rei, eu te bemdigo e a essa
illusão,
que enternece o meu ser com o aroma do
teu riso,
que, entre os astros das noites de agonias,
abriu no meu Inferno as portas do Paraiso,
neste Inverno accendendo o sol do meu Verão
e abrindo os olhos teus ás trevas dos meus
dias.

Amo-te assim, e eu te bemdigo, ó sombra
esquiva,
eu que sou este fel! eu que sou esta dor!
Amo-te assim, ó meu bemdito Amor,
tu que és o Sonho! e o Sól! meu Crime e
meu Peccado!
E, em ansias, todo assim, assim, de alma
festiva,
eu te bemdigo, Amor, meu passaro encan-
tado!

CANTILENA DOS CANCIONEIROS

NOITE doente de tristesa e prece...
E ha tanto harpejo em desalento,
como a garganta musical das aves;
e ha tanto amor e soffrimento
nessas canções morrentes que se ouvem,
que lembram afflicções e ansias suaves,
tristesas de Gounod, delirios de Beethoven.

Que voz aguda de harmonia,
a dos troveiros da melancolia.

Fecham-me os olhos para o sonho,
adormecendo as almas das cigarras.
Cantam saudades de outras luas,

de outros luares, de outros ceus,
ao som das cordas das guitarras,
que andam gemendo ao coração das ruas.

O' noite de afflicção,
noite em que escuto accordes de Chopin,
pelas gargantas desses cancioneiros
que andam soltando a dor em sustenidos!
Noite de agitação
em que soluçam pallidos troveiros,
numa plangencia irmã
deste dolor que eu solto entre gemidos.

Abrem-me n'alma instantes de saudade,
essas cantigas magoadas,
essas canções noctambulas plangendo,
que os trovadores vão gemendo
ao poetico luar das madrugadas.

E as soluçantes almas dos bordões,
os accordes floraes dos cavaquinhos,
tudo me vem para a agonia,
nesta saudade que me vem de ti.
E os tenores da melancolia
vão bebendo as estrellas pelos sons.

Cantam saudades de outras luas,
de outros luares, de outros céus,
nessas canções morrentes que se ouvem,
gemendo ao coração das ruas
tristesas de Gounod, delirios de Beethoven.

ELEGIA DA TRISTESA HUMILDE

OLHA como eu sou triste! Olha que dor!
Vê nos meus dias que incontentamento,
nos rudes ais desta afflicção!
Olha, ó meu grande Amor,
como possuo o biblico Jordão
nos meus olhos chorando em desalento!

Todo eu choro de dor, eu choro de agonia,
entre prantos de velho e arquejos de men-
digos,
e a tristesa da paz das noites sem estrellas,
lagrimas soltas nos jazigos,
tenho-as em pranto de melancolia,
nesta eterna illusão de n'alma enternecel-as.

E, a chorar, entre rosas de sangue e de
espinho,
tenho a alma errando pelos astros
e elegias revoltas de precito.
Sonho as estrellas regias do infinito,
mas sou, no emtanto, um misero, de rastros
na asperesa da areia do caminho...

E é por isso, talvez, que desviei o meu norte,
errei o meu destino
e errei a minha sorte,
e porque sou troveiro e menestrel,
tenho esta vida triste de plangente sino,
tenho os meus dias como amargo fél...

Olha como eu sou triste, e esta tristesa,
que é de origem da lagrima claustral,
deu-me aos olhos de magua e de friesa
a agua bemdita do Jordão lustral.

E a sonhar para os astros, a sonhar,
assim, todo em amarguras,
vivo em sonhos de amor, neste mudo soffrer,
e aos meus olhos de dor dois poentes a
chorar,
na ansia eternal de te querer,
ergo as mãos para os céus, para as alturas!

EXULTAÇÃO DA PAGINA FINAL

MAIS uma pagina vencida,
mais uma pagina, mais uma
que o teu corpo de sandalo perfuma.
E até aqui te trouxe a inquietação
de te veres nas folhas reflectida,
que os teus dedos dobraram em agitação.

Mais uma folha solta ao vento,
como uma vela pelos mares,
que vae levada pelo pensamento.

Mais uma folha e mais um dia!
Mais uma pagina da vida,
que os dedos tremulos folheiam...
E eu calarei teu nome, que irradia
nesta ciumenta pagina perdida,
para que as outras boccas o não leiam.

E nessa doce illusão
de te veres nos versos reflectida,
talvez leste este livro, verso a verso,
quer pelo labio e pelo coração.

Dobras as folhas... Como passa a vida!...
E ris, envaidecida,
porque te vês a gloria dos poemas
da minha alegre inquietação da vida.

Mais uma pagina esquecida
das minhas noites de insomnia,
no meu destino de melancolias.
Mais uma estrophe na farandula da vida,
em que os versos te servem de diademas
e onde vivida irradias,
minha Uyara morena da Amazonia.

E agora que já viste o sonho que se encerra
neste livro, que as folhas tem dobradas,
que os teus dedos dobraram de uma em uma,
como serenas rosas desfolhadas,
na mais afflicta inquietação de lel-as,
guarda este livro, que, rimando estrellas,
cantando o nosso Amor e a nossa Terra,
o teu corpo de sandalo perfuma.

ESTE LIVRO FOI CONFECCIONADO NAS OFFICINAS GRAPHICAS DA "A EVOLUÇÃO" E ACABOU DE IMPRIMIR-SE A 10 DE OUTUBRO DE 1929

Obras de

Wenceslau Costa

PUBLICADAS:

«O mysterio do Gravata Parda» — (novella) — 1921.

* * * * * * * *

«Florões» — (versos) — 1924 — Edição esgotada

AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - Lei nº 9.610/98). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura

CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA